

Porto

Memórias do vinho do Porto e do Douro na casa dos ingleses

- ▶ Edifício da Feitoria continua a servir de local de eleição para a comunidade britânica e homens de negócios da Invicta
- ▶ Valiosas colecções de mapas antigos, pratos e uma biblioteca com cerca de 20 mil exemplares fazem parte do espólio

Manuel Vitorino
Malacó

É por entre mapas de África “feitos por missionários”, fotos de gente nobre (barão de Forrester) e lugares míticos do Douro, como o Cachão da Valeira, que o visitante começa a desvendar os segredos e tesouros da Feitoria Inglesa, no Porto. Entra-se e, por instantes, a sumptuosidade marca o fausto de outros tempos.

The British Factory House é um edifício desenhado pelo arquiteto John Carr (o mesmo autor do Hospital de Santo António) e quem lá circula não ficará indiferente à imponente fachada da Rua do Infante D. Henrique, antiga Rua Nova dos Ingleses. No interior da antiga sede da Câmara de Comércio do Vinho do Porto, a intensa actividade comercial dos mercadores britânicos sediados no Porto é retratada de forma eloquente.

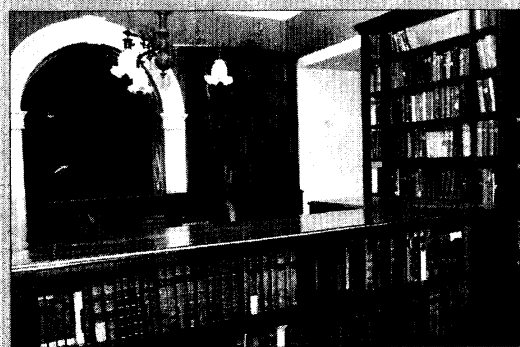
Subindo ao primeiro andar, lá está a colecção de mapas de África datada de 1835, de autoria de Wyld e Gary, dois globos do mundo, um “celestial” e outro “terrestre” desenhado por Malby, fotos de Churchill, sem esquecer a “biblioteca preciosa” com cerca de 20 mil exemplares e algumas raridades bibliófilas. Noutra vitrina, uma edição do “Daily Register”, antecessor do “The Times”.

Noutro espaço da secular casa dos ingleses uma curiosidade histórica: durante a visita a Portugal da rainha Isabel II, em 1957, Oliveira Salazar foi ao seu encontro e a foto testemunha o sorriso do ditador perante a rainha da Coroa britânica. Mais adiante, outras imagens, preciosidades, mobiliário e quadros (onde sobressai uma pintura de Vieira Portuense), lustres e pratos, algumas delas salvas da pilhagem levada a efeito pelas tropas francesas entre 1807 e 1809.

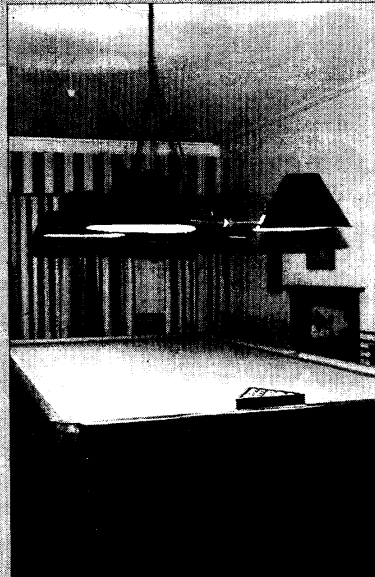
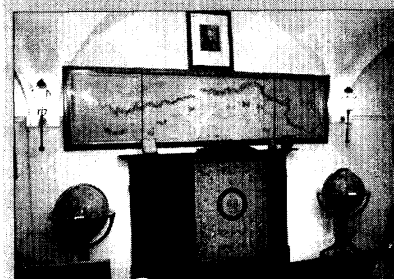
A efeméride não passou despercebida e, para festejar o fim das Invasões Francesas, um grupo de 11 súbditos ingleses resolveu reunir-se no dia 11 de Novembro de 1911 e, desde as 11 horas da manhã até às 11 horas da noite, comeram onze pratos e beberam 11 vinhos de diferentes qualidades. “Deve ter sido um enorme banquete”, comentou Olga Lacerda, secretária-geral da instituição.

Noutro patamar da Feitoria, mais imagens, desta vez de John Whitehead, cônsul do Porto durante 47 anos (influenciou como pôde o desenho urbano da Praça da Ribeira), mapas do Douro de James Forrester, objectos de grande valor histórico.

Porém, é na imponente cozinha, no último andar do edifício, onde os olhares ficam mais gulosos:



Herança patrimonial Ultrapassada a fachada do imóvel do século XIX, a Feitoria Inglesa conserva o perfume de outros tempos: a elegante sala de jantar (em cima), sem esquecer os mapas de África, os retratos (entre os quais de Salazar com a rainha Isabel II), a magnífica biblioteca com várias raridades bibliófilas, sem esquecer a sala de bilhar (em baixo), outrora bastante frequentada pela elite da comunidade britânica no Porto, são memórias do lugar.



“The Times” ao menu

▶ Uma colecção de canetas e antigas cartas dos tempos da Guerra Peninsular são outras preciosidades que o visitante poderá apreciar. Além dos espaços reservados às visitas e o bonito salão de baile, convém perder algum tempo a admirar a “sala do vintage” onde os apreciadores podem degustar os diferentes vinhos da região duriense. Como os tempos mudaram, já são menos os comensais, mas, como estamos numa casa de tradições, continua a ser retirado do armário e exposto aos convidados do habitual almoço das quartas-feiras um exemplar do “The Times”. Como se percebe, uma boa parte da história do século XIX e do comércio do vinho do Porto passa obrigatoriamente por este majestático edifício situado na zona ribeirinha, em pleno Centro Histórico do Porto. Para visitas e mais pormenores, o melhor será pesquisar no site: british.association@clix.pt ◀

“Está cá tudo, os pratos de mesa, a colecção de talheres, o serviço de café e de chá, o enorme fogão de lenha, as formas artísticas de bolos, um engenhoso sistema de afiar as lâminas das facas. Até o frigorífico da cozinha testemunha uma época”, recordou.

Apesar do fausto e do requinte evidenciados nas instalações (a sala de bilhar e o salão de baile são duas recordações da restrita e selecta “society” britânica), percebe-se que a Feitoria Inglesa já conheceu outras noites de glória. Em 1811, existiam 33 casas ligadas ao vinho do Porto e hoje, depois de várias fusões empresariais introduzidas ao longo dos anos, apenas sete firmas exportadoras ligadas a três grupos económicos permanecem activas.

Nada que faça perder a tradição do habitual almoço semanal das quartas-feiras (para sócios e seus convidados), que, no final do repasto, tentam adivinhar qual o vintage seleccionado pelo tesoureiro da secular instituição. “É uma forma de manter viva uma casa intimamente ligada aos néctares produzidos no Douro e exportados de Gaia para Inglaterra”, diz Francisco Olazabal, presidente da Confraria do Vinho do Porto. ◀